

A crise do socialismo polonês¹

Erico Sachs

Aos olhos de frações do proletariado em todo o mundo, os acontecimentos na Polônia contribuíram para aumentar as decepções acumuladas diante das experiências em curso de construção do socialismo. Ao longo do pós-guerra, a legenda heroica da Polônia e do seu exército, tornada mais viva nas frentes de luta contra o nazismo, foi sucessivamente desgastada pelas circunstâncias que envolveram a desestalinização na Rússia e na Europa Oriental, pelo conflito sino-soviético, pelas "operações punitivas" da China contra o Vietnã e, agora, pela crise polonesa. Para o operário que acredita no socialismo, o desencanto aumenta na medida em que a história real contraria princípios tão caros como os do internacionalismo e da solidariedade proletária.

Os ideólogos da burguesia e os meios de comunicação ligados às classes dominantes em todo o mundo capitalista se aproveitam desses fatos para apresentá-los, mais ou menos sutilmente, numa carga sistemática de propaganda anticomunista. Não é de se estranhar que se difunda, internacionalmente, uma tendência no sentido de ver o proletariado dos países socialistas numa situação de "opressão" em tudo semelhante à que é vivida pelos seus companheiros sob o capitalismo.

A situação se complica na medida em que vanguardas ditas comunistas, longe de conseguirem explicar os fatos e torná-los compreensíveis, desvendando os conflitos que têm cercado a evolução histórica do socialismo até nossos dias, antes se encarregam de apenas alimentar mitos, caindo numa fraseologia desvinculada da história real. Estamos a lembrar aqui não apenas dos reformistas mais distanciados da causa revolucionária, tais como os eurocomunistas, cuja prática já não se separa dos limites da ordem capitalista e cujas profissões de fé democráticas já não deixam dúvidas quanto a um interesse de apenas atenuar a exploração e a opressão vividas pelo proletariado no mundo capitalista. Estes, quando falam na libertação do proletariado polonês, o fazem sob a ótica da democracia burguesa.

O problema maior é que grande parte das correntes autodenominadas "revolucionárias" alardearam com tamanho simplismo a situação da classe operária polonesa, enquadrando-a no rótulo genérico da "opressão", que não restaria outra conclusão senão a de considerar que a classe operária, aqui e lá, sob o capitalismo ou sob o socialismo existente, estaria igualmente oprimida. Passa-se por cima do fato de que o processo de socialização dos meios de produção, em andamento desde o pós-guerra, iniciou a emancipação econômica do proletariado polonês, permitindo-o atingir, antes da crise econômica, um elevado nível de vida. Esquece-se de que existe na Polônia um setor capitalista no campo que amortece fortemente as possibilidades de desenvolvimento da economia socialista naquele país. Os problemas concretos são deixados de lado. Em troca, fala-se genericamente na "opressão" da classe operária polonesa.

Mas não será com generalidades que se contribuirá para o desenvolvimento da consciência das lideranças operárias que, no nosso país, querem compreender e aprender as lições que a crise polonesa ensina. Aliás, o que interessa levar hoje a esses operários não é uma adesão superficial ao *Solidariedade* ou ao *POUP*². Interessa, sim, esclarecer a natureza das contradições e o processo histórico que levou ao impasse atual do socialismo polonês. A compreensão do processo, na sua forma concreta e histórica, contribuirá para a formação da vanguarda operária no Brasil, muito mais do que as meras conclusões, bastante vazias, que têm marcado as publicações de grande parte da esquerda brasileira, sobre o assunto.

O que queremos colocar em discussão aqui são os problemas e entraves que se colocam no caminho da construção do socialismo na Polônia e as condições reais de desenvolvimento da consciência de classe dos operários poloneses.

Fato é que a política governamental, assumida por uma burocracia criada à imagem e semelhança da burocracia da União Soviética, preferiu não tocar no problema do setor capitalista da economia polonesa existente no campo. Esse fato, aliado a uma procura sistemática de capitais nos centros financeiros capitalistas, ao longo da década de 1970, levou à crise econômica e à revolta da classe operária. A plataforma do *Solidariedade*, ao reivindicar voz ativa para os operários e melhorias sociais, esboçava os rumos de uma reforma na sociedade polonesa e de um revigoramento do socialismo naquele país. Mas a classe operária, na sua justa revolta e ao longo da radicalização do conflito,

¹ Texto originalmente publicado na revista *Polêmica* nº 1, jul. de 1982. Incluído na coletânea *Conquistas e impasses do socialismo*, CVM, Rio de Janeiro, 2011.

² Partido Operário Unificado Polonês (nome do Partido Comunista no país) [Nota do Editor].

assumiu posições que objetivamente facilitavam a organização política de forças interessadas na restauração do capitalismo (sindicatos rurais, igreja etc.). Por razões que serão analisadas adiante, o fato é que o Solidariedade não tinha uma consciência socialista. E quando se fala aqui em socialismo, é precisamente da emancipação do proletariado que se quer falar. A ausência de uma consciência socialista se expressava à medida que a classe operária favorecia a movimentação de forças que a prazo se voltariam contra ela própria.

Durante a crise, não se manifestou nenhuma força comunista organizada e em condições de canalizar a revolta operária rumo ao avanço do socialismo. A participação de muitos militantes do POUP no Sindicato Solidariedade mostra a sensibilidade dessas frações do Partido para com as reivindicações operárias, mas não veio representar na prática uma força comunista em condições de ser ouvida nacionalmente. Na vanguarda dos acontecimentos pesavam mais aquelas forças que representavam potencialmente a reação contra os interesses sociais e econômicos da classe operária. Mantido o processo nessas bases, em breve seriam abalados os sustentáculos do socialismo na Polônia.

Em linhas gerais, essa era a contradição presente da crise. A seguir, ela será analisada como resultado de fatores históricos que vêm se desenvolvendo desde bem antes do confronto recente.

partido e estado

A República Popular da Polônia, como surgiu da Guerra Mundial, não foi resultado de uma revolução social. A revolução, na medida em que houve, foi feita "de cima para baixo". O Exército Soviético, na sua marcha vitoriosa em direção a Berlim, teve de promover reformas, destruir estruturas sociais para eliminar um inimigo potencial de classe na sua retaguarda. A primeira medida foi a liquidação das grandes propriedades de terra e sua distribuição entre os camponeses. A socialização da indústria se impôs em seguida para garantir um mínimo de reconstrução econômica.

A formação de um novo Estado polonês foi precedida por tenaz disputa entre a União Soviética e as potências ocidentais. Os Aliados pretendiam evitar a "sovietização" da Polônia, ou salvar pelo menos o máximo possível de interesses e influência para o Ocidente. A União Soviética se impôs, pois seus exércitos estavam presentes na Polônia e o Ocidente teve de se conformar com esse fato.

Moscou, desde o início, visava impor o seu "modelo" ao socialismo polonês. Não o fez, porém, sem se prestar a concessões. Em primeiro lugar, a fundação de uma democracia popular — termo desconhecido até então no vocabulário marxista — estava destinada a não assustar os Aliados Ocidentais. Evitou-se tudo que pudesse lembrar a ditadura do proletariado. Naquela época, a política externa da União Soviética, sob a chefia de Stalin, partiu da premissa de poder manter a aliança com as potências ocidentais também em tempos de paz, ilusão que só se perdeu com o início da Guerra Fria. Para as finalidades soviéticas, além disso, era indiferente se a constituição polonesa previa a imitação de uma democracia burguesa, com um parlamento (o Sejm) ou uma ditadura do proletariado. A democracia parlamentar na Polônia ficou no papel, da mesma maneira como na própria União Soviética os soviets, originalmente órgãos da democracia proletária, já estavam reduzidos a uma formalidade sem conteúdo e poder. O socialismo que a União Soviética exportava estava sob o signo do domínio burocrático, exercendo uma tutela sobre a classe operária do seu país.

A segunda concessão mais significativa foi em relação ao nacionalismo polonês, profundamente enraizado em todas as camadas da população, em virtude das desventuras da sua história passada, quando o país foi dividido três vezes entre potências vizinhas. Não só se restabeleceram todos os símbolos externos da soberania polonesa — bandeira, escudo e fardas dos seus soldados — como foram entregues ao novo Estado vastas regiões alemãs para serem anexadas, de onde a população civil, camponeses e operários, foi expulsa. Essa medida cabia perfeitamente no quadro da política de Stalin, no sentido de aproveitar as contradições nacionais — mesmo entre países socialistas — em proveito do próprio poder. Essa medida, entre outras, reduziu o movimento comunista na Alemanha Ocidental a uma absoluta insignificância, da qual até hoje não se refez. Mas isso é outro capítulo, que transcende o assunto a tratar.

O modelo soviético incluía o lado econômico. Na primeira fase, depois da reconstrução, iniciou-se uma industrialização forçada, segundo os padrões soviéticos dos anos 1930. A Polônia (como as demais democracias populares) estava construindo o seu "socialismo num só país", transformando-se em poucos anos de um país agrário em um país industrial. A industrialização forçada, para que não havia as mesmas necessidades como houvera na União Soviética isolada entre as duas guerras mundiais, foi paga com grandes sacrifícios materiais dos trabalhadores poloneses, que não deixaram de manifestar o seu descontentamento crescente. A primeira revolta, em 1956, que levou Gomulka ao poder, selou oficialmente o fim dessa política econômica.

A Era Gomulka foi iniciada internamente com amplas reformas ou, pelo menos, com projetos nesse sentido. Nas relações externas, foi inaugurada a “divisão de trabalho socialista” entre os países do bloco soviético, que culminou na formação do chamado COMECON, como é conhecido no Ocidente. Mas as reformas de Gomulka, da mesma maneira que as reformas de Khrushchev na URSS, chegaram a um ponto morto. Embora não houvesse uma volta às condições políticas dos tempos de Stalin, o peso e a rotina da burocracia se impuseram sobre as experiências novas (e nem sempre bem sucedidas) e os parafusos foram novamente apertados. O salto qualitativo para uma democracia socialista, em que a classe operária exercesse diretamente o poder, não chegou a ser dado.

Gomulka, originalmente uma figura carismática para o proletariado polonês, na realidade foi incapaz de apresentar uma alternativa para o socialismo polonês e se desgastou lenta mas constantemente até que a tentativa do aumento dos preços de gêneros de primeira necessidade o derrubou em 1970.

Um traço particular do socialismo polonês representava a situação do campo. Nenhum governo polonês enfrentou de fato o problema da coletivização. Até hoje, 71% das terras estão em mãos de pequenos proprietários. Isso significa que há um importante setor capitalista no seio da economia polonesa. Esse setor, em vez de fornecer excedentes do produto do trabalho para a acumulação socialista, mostra-se, além disso, incapaz de cobrir as necessidades de alimentos do país, em virtude da sua baixa produtividade. O camponês da Polônia não age de maneira diferente do seu colega ocidental, e mesmo do russo na época da NEP. Visando o enriquecimento individual, ele procura elevar ao máximo os preços dos seus produtos. Quando o preço não compensa, ele restringe a produção. Quando o produto escasseia, ele o retém, procurando vendê-lo no mercado negro ou forçar um aumento dos preços oficiais.

A tentativa de Gomulka de decretar um aumento dos gêneros de primeira necessidade, em 1970, foi um ato de apaziguamento em direção ao camponês individualista. Mas o mesmo problema surgiu para o governo seguinte, o de Gierek, e também contribuiu para a sua queda. Foi igualmente herdado por Jaruzelski na tentativa de superar a crise e foi preciso declarar estado de sítio para que o governo tomasse a coragem para reajustar os preços.

Antes de chegar a esse ponto, Gierek tinha tomado as rédeas. Operário, mineiro da Silésia, tentou um caminho novo para superar o impasse. Querendo aproveitar-se da ainda existente conjuntura de prosperidade do capitalismo ocidental, ele e sua equipe planejaram a criação de uma indústria de exportações. Incrementando as exportações polonesas no mercado mundial, julgava poder contornar a questão da insuficiência da sua própria agricultura arcaica e financiar desse modo a importação de gêneros alimentícios, além de matérias-primas e de tecnologias necessárias ao desenvolvimento econômico. Dispondo de escassos recursos internos, lançou mão de créditos estrangeiros, tornando-se a Polônia, hoje, um dos países com a maior dívida externa per capita.

A conta de Gierek não deu certo. Aconteceu que a prosperidade reinante nos mercados capitalistas ocidentais acabou rapidamente, com a crise cíclica de 1974. Gierek tinha planejado a sua estratégia de construção socialista à base de fatores não planejáveis: o funcionamento do mercado capitalista. A primeira repercussão das falhas dessa concepção já se fizera notar em 1976, quando surgiram novas greves dos operários poloneses.

Não sabemos se Gierek e sua equipe estavam jogando na repercussão da economia ocidental ou se a inércia própria ao sistema burocrático impediu que se abandonasse o caminho escolhido. Fato é que o reinício da crise no mercado mundial, em 1980, teve resultados desastrosos para a economia polonesa. A estratégia de Gierek só conseguiu “importar” a crise econômica do Ocidente. E essa crise econômica interna tornou-se a espoleta que trouxe à tona todo o descontentamento acumulado da classe operária polonesa com as práticas do socialismo burocrático.

o solidariedade

O Solidariedade não é uma vanguarda. É um movimento de massas e reflete primordialmente o descontentamento e as reivindicações da classe operária polonesa e seu atual grau de consciência. Falar de Solidariedade implica, pois falar do proletariado polonês, do caminho que percorreu até agora.

O proletariado polonês, como classe, não escapou do domínio ideológico do nacionalismo. Combativo e de ricas tradições de luta — basta ver Rosa Luxemburgo em Greve de Massas... —, o nacionalismo foi alimentado pelo fato de que patrões russos, alemães e austro-húngaros tenham assistido ao seu nascimento. E quem reprimiu a sua luta foram soldados e policiais das mesmas nacionalidades. A Polônia estava dividida e a burguesia polonesa propriamente dita era incipiente.

Rosa Luxemburgo, a fundadora do Partido Revolucionário Marxista da Polônia, via os perigos dessa influência nacionalista burguesa e dedicava todas as suas forças ao seu combate ideológico. No seu empenho, entrou em conflito com Lênin, que defendia o direito da autodeterminação até a separação dos povos oprimidos pelo czarismo. Rosa achava que uma separação da Polônia da Rússia não favoreceria a causa operária. O interesse histórico do proletariado polonês era combater junto com o russo pela revolução comum e por uma república socialista acima das fronteiras nacionais. Lênin não negava isso e assinalou mais de uma vez que não estava aconselhando ao proletariado polonês o caminho da separação. Simplesmente via o direito de autodeterminação como meio de neutralizar o nacionalismo das classes dominantes dos povos oprimidos pelo chauvinismo grão-russo. Mas já naquela ocasião era patente que a tendência internacionalista de Rosa era minoritária entre o proletariado polonês. A grande maioria dos operários seguia o PPS, o Partido Socialista de Pilsudski, que pregava a causa nacionalista.

Na Revolução de 1905, os operários russos e poloneses ainda lutavam lado a lado. O inimigo, o absolutismo czarista, era comum. Havia, entretanto, diferença de métodos de luta. Enquanto na Polônia surgiram sindicatos como forma básica de organização de classe, na Rússia formaram-se soviets como centros principais de mobilização das massas proletárias.

Por ocasião da Revolução de Outubro na Rússia, tornou-se óbvia a pouca penetração do internacionalismo, seja de forma luxemburguista ou leninista, na classe operária polonesa. Embora muitos poloneses tenham participado da Revolução e muitos integrassem o Partido Bolchevique até os escalões de liderança (Radek, Djerzinski, por exemplo), a maioria do proletariado seguiu Pilsudski na formação de um Estado independente. Essa nova República Polonesa, em seguida, tornou-se base da contrarrevolução e da intervenção estrangeira contra a Rússia Soviética. Contando com a passividade da maioria da classe operária, a Polônia invadiu a República Soviética por conta própria, tentando anexar a Ucrânia e outras regiões russas à "Grande Polônia".

Os exércitos de Pilsudski foram derrotados e tiveram que refluir para a Polônia. Para os bolcheviques, colocou-se o dilema: satisfazer-se com a expulsão dos invasores ou penetrar na Polónia numa guerra revolucionária, apelando para o levante dos operários poloneses. Houve oposição no seio do Partido, mas a maioria, com Lênin à testa, decidiu-se pela guerra revolucionária. O resultado é conhecido. O proletariado polonês não atendeu aos apelos internacionalistas e decidiu-se pela defesa da "pátria". A derrota do Exército Vermelho às portas de Varsóvia obrigou a Rússia Soviética a concluir um Tratado de Paz que deixou vastas regiões ocidentais nas mãos da Polónia, regiões que só puderam ser incorporadas à União Soviética no final da Segunda Guerra Mundial.

Poucos anos depois, Pilsudski estabeleceu uma ditadura fascista na Polónia, que reprimiu o movimento operário polonês com a mesma brutalidade aplicada pelos seus congêneres italiano e alemão.

Quando em 1945 a República Popular da Polónia foi fundada, duas tradições pesavam para os remanescentes da velha classe operária, que tinham sobrevivido à guerra e ao terror nazista. Em primeiro lugar, uma tradição de organização sindical, que foi retomada rapidamente e que chegou a ser transmitida à nova classe operária, formada durante a industrialização. Segundo, uma tradição nacional de antirussismo e antigermanismo, enriquecida agora, paradoxalmente, por uma onda de antissemitismo latente. A isso se juntou um aumento da influência da Igreja nos centros urbanos, devido ao fato de a primeira geração da nova classe operária ter vindo do campo. A Igreja Polonesa, mesmo nos tempos feudais, foi um dos sustentáculos do nacionalismo. Católica Romana, era obrigada, no interesse de sua própria sobrevivência, a defender-se contra o protestantismo alemão e a ortodoxia russa, identificando-se muito cedo com a causa nacional.

É preciso ver, porém, que essas influências e tradições existiam em estado latente, sem ter ainda consequências imediatas para o proletariado. Seu papel, porém, tornou-se agudo na medida em que crescia o descontentamento com as condições políticas e econômicas reinantes.

No início, os comunistas poloneses souberam neutralizar esses fatores adversos. Os operários se empenhavam na construção socialista que, como em outros países, tinha a sua época heroica. E mesmo quando crescia o descontentamento com os prolongados sacrifícios materiais, agravados pela crescente burocratização da vida social, a oposição operária se agrupava em torno de lideranças comunistas dissidentes do próprio Partido. Foi esse o caso de Gomulka, e ainda com Gierek. O movimento surgido em 1980, entretanto, desiludido com a experiência do passado, surgiu fora do POUP. Essa é a característica nova da oposição do Solidariedade. Doravante se falava de "nós", o Solidariedade, e "eles", os comunistas.

Qual o papel do Solidariedade? Como julgá-lo dentro do contexto do socialismo polonês e do campo socialista em geral?

Em primeiro lugar é preciso salientar que as reivindicações levantadas pelos operários e aceitas no Acordo de Gdansk, quando postas em prática, grosso modo, significariam um progresso e um desenvolvimento para o socialismo na Polônia. É responsabilidade histórica do POUP não ter aceito esse fato. De outro lado, porém, é preciso ver as limitações do movimento na solução da crise polonesa. Como já assinalamos, tendo surgido como movimento de massas, reflete, em primeiro lugar, o descontentamento das massas, e isso abriu espaço para a atuação de movimentos estranhos à classe, como o KOR e outros, que procuravam um confronto político. É de se perguntar, por exemplo, se o presente momento era propício para exigir uma redução radical das horas de trabalho. A crise polonesa não é de superprodução, como no Ocidente Capitalista, e sim de carência de produtos essenciais. A crise só poderá ser superada com um aumento da produção.

Evidentemente, qualquer operário polonês mais experiente sabe disso, mas a grande massa não está disposta a tirar as consequências racionais. A razão é que os sindicatos livres encaram o Estado como um "patrão" qualquer, e isto era o ponto fraco de sua tática, que acabaria por levar ao confronto aberto. Os sindicatos num Estado socialista, mesmo burocratizado, não podem comportar-se da mesma maneira como na sociedade capitalista. Lá eles tratam com uma classe dominante e antagônica, que em última instância tem que ser destruída, porque uma conciliação não é possível. Num Estado socialista, as contradições não podem ser tratadas como sendo antagônicas sem pôr em perigo sua existência. A tática sindical do Solidariedade se limitou a reivindicações, sem colocar uma alternativa socialista, recusando compartilhar da responsabilidade pela existência e pelo desenvolvimento da sociedade socialista.

Isso teria pressuposto a existência de uma consciência socialista, que o Solidariedade não tinha. Seu internacionalismo se limitava a pedir apoio e ajuda material em escala mundial, não se importando de onde vinha, seja do Vaticano ou da AFL-CIO. É claro que essa situação só se pôde dar em virtude do desencanto com a política míope seguida durante anos pelo POUP e o profundo fosso que se abriu entre o Partido e a classe operária da Polônia. Mas essa constatação em si não ajuda ainda a resolver o problema. Historicamente se criou um impasse, que nós não podemos querer superar mediante o sacrifício das bases socialistas da sociedade polonesa.

A falta de consciência socialista, ou simplesmente a falta de consciência de classe do Solidariedade, manifestou-se abertamente, pela primeira vez, por ocasião dos debates em torno da criação de um Solidariedade Rural. Sob pressão das massas operárias, o governo de Kania foi obrigado a conceder aos camponeses proprietários o status de um sindicato, à base de direitos iguais aos urbanos. Na prática, isso significou aumentar os poderes de pressão do setor capitalista da economia polonesa. Um setor cujos interesses a curto e a longo prazo são justamente inversos aos da classe operária.

A tendência do reforço do setor capitalista não se limitou ao campo. Sob pressão do Solidariedade, o governo polonês foi obrigado igualmente a permitir a instalação de empresas particulares nas cidades com um máximo de 50 empregados.

Com o aguçamento das contradições entre o Partido e o Solidariedade, surgiram à tona as ilusões democrático-burguesas das massas. Era justo que o movimento exigisse a libertação dos seus companheiros presos durante greves e manifestações. Mas que o Solidariedade exigisse a libertação de todos os presos políticos, já não era. Sob essa pressão foram postos em liberdade terroristas de extrema-direita, condenados por atentados a bomba. E sob o manto protetor das liberdades democráticas, grupos anticomunistas e antissocialistas, que, em nome da soberania nacional, pregavam a volta ao capitalismo, podiam agir aberta e impunemente.

Na última fase do confronto, e sob a ameaça de uma greve geral, que nas condições da Polônia facilmente poderia tomar o caminho insurrecional, a parte mais radical do Solidariedade exigia um plebiscito sobre a futura Constituição da Polônia. É evidente que, nas atuais condições, isso significaria um voto pelo afastamento do POUP do poder. Embora esse não fosse o intuito da grande maioria dos membros do Solidariedade, na presente situação isso teria significado o restabelecimento ou a formação de partidos burgueses empenhados em movimentar a roda da História para trás.

Como pôde surgir uma situação dessas? Será que os operários poloneses se tornaram conscientemente antissocialistas e contrarrevolucionários? Evidentemente que não e todas as tentativas de demonstrar o contrário só prosseguem no caminho da autossuficiência burocrática do passado, que criou situações como a da Polônia. Mas não podemos nos basear em intenções subjetivas para avaliar uma situação histórica. O que há é um profundo descontentamento e a revolta dos operários poloneses com a situação criada, mas não existe na Polônia uma vanguarda comunista que possa canalizar esse descontentamento da classe operária para o caminho consciente do desenvolvimento da sociedade socialista. E sem essa vanguarda, que na presente situação só poderia sair do POUP, o socialismo não é garantido.

As reivindicações de Gdansk serão um progresso se forem implantadas no quadro do socialismo real existente na Polônia. E isso significa no presente a manutenção do poder do POUP. A materialização das reivindicações de Gdansk significaria uma melhoria da situação social da classe operária da Polônia, um passo à frente na sua participação direta no poder. Implicaria uma reforma de toda a

sociedade polonesa e, não por último, uma revitalização e reformulação do próprio POUP.

As reivindicações, porém, não poderão ser impostas à margem do POUP, nem como instrumento para desalojar o Partido do governo. O POUP, como todos os PCs nos países socialistas, bem ou mal — mais mal do que bem — representa os interesses históricos do proletariado e ainda é instrumento e um fiador da manutenção do socialismo. E enquanto não existir uma vanguarda alternativa, que mostre na prática a sua viabilidade, a derrubada e o afastamento dos PCs nesses países seria ato contrarrevolucionário.

Na Polônia, a solução da presente crise implica a manutenção do diálogo entre as partes, negociações que levariam à elaboração de um denominador comum. Diversas tentativas nesse sentido foram feitas, mas nenhuma se impôs. Os sucessivos fracassos e o conseqüente agravamento das contradições devem-se aos dois lados em questão. A ala conservadora do Partido fez o possível para sabotar o Acordo de Gdansk e organizou provocações em diversas partes do país para enfraquecer os reformadores. De parte do Solidariedade, surgiu a ala radical, que, colocando em questão a liderança de Lech Walesa, procurou conscientemente um confronto, levantando reivindicações após reivindicações, sem dar tempo ao governo para se empenhar nas reformas economicamente necessárias para enfrentar a crise.

Quando Kania entregou o governo ao General Jaruzelski, ficou patente que o Partido, na atual situação, dividido em diversas facções, não estava em condições de encontrar uma saída. O prestígio de Jaruzelski forçou o Solidariedade mais uma vez à mesa de negociações, mas a sua insistência de exclusão dos comunistas na formação de um Conselho Econômico Nacional, sua reivindicação do plebiscito e a ameaça da greve geral criaram um ponto morto.

Não estamos aqui para justificar a instalação de regimes militares para a solução de problemas de países socialistas. Não é certamente essa a "linha justa". No máximo podemos constatar que, no quadro de uma política errada há muito tempo, criou-se uma situação crítica que não deixou margem para alternativas.

Regimes militares, evidentemente, não são o instrumento adequado para uma ditadura do proletariado, mesmo levando em conta o caráter indireto com que o proletariado participa dessa ditadura. Não o são mesmo em se considerando que na Polônia as Forças Armadas são um prolongamento do Partido, com 85% dos oficiais (e 100% das altas patentes) comunistas inscritos. Temos um caso precedente na China, onde, na última fase da chamada Revolução Cultural, Mao-Tse-Tung foi forçado a chamar o Exército para reprimir as forças desencadeadas e fora de controle. Mao, de certo modo, ficou prisioneiro da fração militar do Partido até conseguir desembaraçar-se de Lin Biao.

A situação da Polônia não é a mesma da China e o próprio regime militar toma formas diferentes do precedente chinês. Se o General Jaruzelski usar o seu poder para continuar as negociações entre o Partido e o que restou do Solidariedade, mantendo as reformas, como prometeu, e restabelecendo o regime civil logo que a situação permitir, então os danos serão menos graves para o desenvolvimento da Polônia. Para o movimento comunista internacional, os danos já são um fato consumado. A evolução dos acontecimentos poloneses, não há dúvidas, comprometeu a revolução proletária do mundo inteiro.

Seria gratuito, evidentemente, querer explicar a crise polonesa limitando-se aos fenômenos internos daquele país. Os "erros" do POUP refletem o estado de coisas reinantes em quase todo o mundo socialista de hoje, que é uma herança do stalinismo e mesmo da fase pós-stalinista. As razões do mal são mais profundas e se encontram no caminho concreto que a Revolução Mundial tomou até aí, no isolamento prolongado da primeira revolução proletária vitoriosa e o papel que a União Soviética desempenhou na expansão do socialismo durante a guerra e no pós-guerra.

Ouve-se dizer que a raiz do mal estaria no fato de, no fundo, a situação da Polônia não estar "madura" para o socialismo, e que este tenha sido imposto pelo Exército Vermelho. Mas quem fala assim ignora a estreita ligação hoje existente entre as lutas de classes nacionais e a política mundial, isto é, as lutas de classes em escala internacional — como não existiu desde os dias da Revolução Francesa. A União Soviética não podia deixar de contribuir ativamente para a criação de um campo socialista. Se ela tivesse respeitado as estruturas capitalistas de seus vizinhos, a OTAN e o domínio imperialista se estenderiam até as suas fronteiras na Europa Ocidental e sobre todo os Bálcãs. E a

Polônia, particularmente, sob um governo nacionalista e burguês ter-se-ia tornado novamente uma base latente da contrarrevolução mundial.

É evidente que havia alternativas de como introduzir o socialismo na Polônia e de como levar a sua revolução para a frente. Mas seria ingênuo supor que a União Soviética, sob o stalinismo, teria estado em condições para tal.

Nós não podemos deixar de avaliar os acontecimentos poloneses dentro de uma estratégia global sem renegar o nosso passado como comunistas e militantes da Revolução Mundial. Não nos podemos dar ao luxo de querer abrir mão voluntariamente de nenhuma posição, de nenhum país onde o socialismo tomou pé, independentemente dos caminhos e formas concretas que chegou a tomar. Criticamos e nos distanciamos claramente dos regimes burocráticos, porque comprometem e desmoralizam o comunismo perante vastos setores do proletariado mundial. Combatemos as forças que em escala mundial se identificam com o regime burocrático por sua subordinação a ele e pela correspondente inconsequência na luta contra a ordem capitalista. Mas temos que enfrentar decididamente também aqueles setores de esquerda que, praticamente, pretendem corrigir a História, começando tudo de novo em nome de um "socialismo melhor e mais perfeito". As melhorias e as perfeições serão obra do progresso da Revolução Mundial e não dos desejos subjetivistas das seitas existentes, que produzem receitas para as lutas de classe nos quatro cantos do globo.